



**Territorialidade das benzedeiras e sua representação cultural e religiosa:
analogia com a obra um defeito de cor**

**Territoriality of the healers and their representation cultural and religious:
analogy with the work a color defect**

**Territorialidad de los curanderos y su representación cultural y religiosa:
analogía con la obra un defecto de color**

DOI: 10.55905/revconv.18n.8-137

Originals received: 7/11/2025

Acceptance for publication: 8/4/2025

Pablo dos Santos Ribas

Mestrando em Geografia

Instituição: Universidade Estadual do Centro Oeste

Endereço: Guarapuava - Paraná, Brasil

E-mail: pablosribas@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a territorialidade das benzedeiras enquanto expressão cultural e religiosa, relacionando suas práticas ao contexto histórico-social da formação do Brasil e à obra *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves. A pesquisa, de natureza qualitativa e abordagem bibliográfica, parte do entendimento do território como espaço simbólico, político e de resistência, conforme teorizado por autores como Haesbaert (2004; 2023) e Raffestin (1993). A partir dessa perspectiva, a prática da benzeção é compreendida como forma de apropriação simbólica do espaço, constituindo-se como instrumento de identidade, memória e enfrentamento às opressões históricas impostas pelo colonialismo, pela escravidão e pela marginalização sociocultural. A analogia com a obra literária contribui para aprofundar a reflexão sobre as marcas da dominação territorial e as formas de resistência construídas por mulheres negras e indígenas. Os resultados apontam que a territorialidade das benzedeiras não se limita a uma dimensão religiosa, mas representa um sistema complexo de saberes e práticas que desafia a lógica hegemônica e reafirma a potência da cultura popular na formação do território. A valorização dessas práticas exige políticas públicas efetivas e o reconhecimento de seu papel na construção da identidade nacional.

Palavras-chave: benzedeiras, território, territorialidade, história.

ABSTRACT

This article aims to analyze the territoriality of faith healers as a cultural and religious expression, relating their practices to the historical and social context of Brazil's formation and to Ana Maria Gonçalves's work "Um Defeito de Cor" (A Flaw in Color). This qualitative, bibliographical research is based on the understanding of territory as a symbolic, political, and resistant space, as theorized by authors such as Haesbaert (2004; 2023) and Raffestin (1993). From this perspective, the practice of faith healing is understood as a form of symbolic appropriation of



space, constituting an instrument of identity, memory, and confrontation against the historical oppressions imposed by colonialism, slavery, and sociocultural marginalization. The analogy with the literary work contributes to a deeper reflection on the marks of territorial domination and the forms of resistance constructed by Black and Indigenous women. The results indicate that the territoriality of faith healers is not limited to a religious dimension, but represents a complex system of knowledge and practices that challenges hegemonic logic and reaffirms the power of popular culture in shaping territory. Valuing these practices requires effective public policies and recognition of their role in constructing national identity.

Keywords: healers, territory, territoriality, history.

RESUMEN

Este artículo busca analizar la territorialidad de las curanderas como expresión cultural y religiosa, relacionando sus prácticas con el contexto histórico y social de la formación de Brasil y con la obra "Um Defeito de Cor" (Un Defecto de Color) de Ana Maria Gonçalves. Esta investigación bibliográfica cualitativa se basa en la comprensión del territorio como espacio simbólico, político y de resistencia, según la teoría de autores como Haesbaert (2004; 2023) y Raffestin (1993). Desde esta perspectiva, la práctica de la curación por fe se entiende como una forma de apropiación simbólica del espacio, constituyendo un instrumento de identidad, memoria y confrontación contra las opresiones históricas impuestas por el colonialismo, la esclavitud y la marginación sociocultural. La analogía con la obra literaria contribuye a una reflexión más profunda sobre las marcas de la dominación territorial y las formas de resistencia construidas por las mujeres negras e indígenas. Los resultados indican que la territorialidad de los curanderos no se limita a una dimensión religiosa, sino que representa un sistema complejo de conocimientos y prácticas que desafía la lógica hegemónica y reafirma el poder de la cultura popular en la configuración del territorio. La valoración de estas prácticas requiere políticas públicas eficaces y el reconocimiento de su papel en la construcción de la identidad nacional.

Palabras clave: curanderos, territorio, territorialidad, historia.

1 INTRODUÇÃO

A figura das benzedeiras ocupa um lugar de destaque na história e na cultura brasileira, especialmente em regiões do interior do Paraná. Essas mulheres, guardiãs de saberes ancestrais, desempenham um papel importante na vida das pessoas e transmitem essas práticas religiosas por meio da cultura. Este artigo tem como objetivo explorar o território e a territorialidade das benzedeiras, fazendo uma analogia com a obra "Um Defeito de Cor" de Ana Maria Gonçalves. Esta obra nos mostra a história do Brasil e faz comparações, em busca de entender como o território e a territorialidade, estão na história, cultura e a religião das benzedeiras e como se entrelaçam na formação da identidade dessas mulheres e de suas comunidades em nosso país.



Para entender e conhecer as benzedeadas é preciso compreender a história e o território o qual se relacionam e a sua formação, o significado do território para elas é algo sagrado, pois é seu lugar de pertencimento e suas raízes e tradições, o papel de ligações das benzedeadas com o território esta ligado intimamente com a trajetória de lutas e guerras e então, precisamos voltar na história do Brasil ver tudo o que passaram e fazer a relação delas com a cultura brasileira, para isto o processo de colonização e escravidão tanto das pessoas quanto ao espaço geografico relacionado ao poder para o colonizador e para os povos colonizados como perda de suas identidades influenciou muito a formação do Brasil.

Temos, portanto em análise um romance que nos mostra um pouco da história do Brasil a partir da literatura como foco de estudo das benzedeadas e o território como processo das relações de poder do homem branco sobre os povos indigenas e escravizados. Para Souza (2010, p.9), a concepção do território como um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder. Quando nos referimos à literatura do romance temos o espaço geografico, que vai sendo demonstrado com um espaço de pertencimento e resistencia, no contexto histórico este espaço torna-se um espaço de conflitos e gera o poder do homem branco sobre os povos que viviam nesse espaço.

Segundo Hannah Arendt “Quem governa quem?” Poder, força, autoridade, violência, nada mais são do que palavras a indicar os meios pelos quais o homem governa o homem; são elas consideradas sinonimos por terem a mesma função. É apenas depois que se cessa de reduzir as questões públicas aon problema de dominação, que as informações originais na esfera dos problemas humanos deverão aparecer, ou antes, reaparecer, em sua genuína diversidade. (apud Souza, 2010, p.70).

Segundo Sposito (2004), há largamente difundida uma concepção naturalista do território, que tem mobilizado nações e exercitos para sua conquista”. Seja para se conquistar um território será necessário lutar para transformar um ambiente da natureza em seu lugar de pertencimento. Transformando o espaço do individuo em seu território. Como vemos na história o descobrimento do Brasil foi de grandes lutas entre o colonizador e os povos colonizados, as lutas para sobrevivência e disputas por terra para sobreviver, torna o sujeito em objeto perdendo seu lugar de pertencimento.

Esse foi o primeiro acontecimento da história onde o sujeito colonizado não tem mais direito a seu território, com a chegada dos escravos as colônias, temos novamente o sujeito como



objeto, perde seu lugar de pertencimento, quando é retirado de seu espaço, tornando-se manipulado em terras desconhecidas.

Para compreender o território precisamos entender a história das benzedadeiras, pois para elas o conceito de território deu lugar aos seus antepassados, um lugar de vida e ascensão, mostrando o seu poder para sobreviver disputando o território entre os colonizadores. Isto ocorre no primeiro enfrentamento dos povos indígenas contra o colonizador, temos um território de lutas para sobrevivências e ao longo do processo de colonização com a escravização temos os escravos como resistências, após serem retirados de seu espaço buscam um território de refúgio quando eles fogem para as matas tornando aquele espaço como seu mundo, já para os imigrantes o território é um lugar de acolhimento durante a guerra. Temos então dois lados da história, o território sendo um espaço de conflito e outro espaço de conquistas e pertencimento na história.

Buscamos trazer esse entendimento em nossa pesquisa olhando para o lugar do sujeito, como fenomenologia nos mostra esse sujeito como um ser observável que busca o seu objeto de luta para sua compreensão de emponderamento em seu território de poder, seja espacial, temporal ou cultural.

Para Haesbaert (2023, p.6) o território, então, pode ser definido como o espaço construído/construtor de relações de poder, tanto no sentido mais estritamente social (políticoeconômico e simbólico-afetivo) quanto no sentido da interação indissociável com as chamadas forças da natureza. Nem apenas um espaço material e simbólico socialmente dominado e/ou apropriado, nem apenas um espaço moldado na imbricação com a natureza, o território seria, sobretudo, um espaço político revelador de limites – tanto de limites como fronts/fronteiras das lutas por des-ordenamento da complexa e desigual sociedade dos humanos quanto dos limites impostos a todo o conjunto da vida terrestre cuja existência, profundamente articulada, está em risco.

Nesse processo de poder pelo território encontra-se o sujeito, e ao longo dos processos ocorridos no Brasil vamos entendendo o papel das benzedadeiras para a formação da sociedade brasileira e o papel delas na construção do território, onde buscam seu pertencimento e reconhecimento frente ao Estado e as políticas públicas, mas para isto foi necessário muitas lutas das comunidades para defender seu território e ganhar voz na sociedade e seu reconhecimento dentro das leis do Estado como podemos ver pelo seu reconhecimento e valorização das pessoas de comunidades Quilombolas e Aldeias Indígenas e outras etnias o reconhecimento por meio da



Lei nº 1.401/2010, conhecida como a “Lei das Benzedeiras”, que institucionalizou o trabalho de benzedeiras (os), curadoras (es), costureiros (as) de rendiduras (dores musculares) ou machucaduras e regulamentou o livre acesso à coleta de plantas medicinais nativas. Com o reconhecimento cultural e imaterial do estado do Paraná.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 TERRITÓRIO COMPARAÇÃO COM A OBRA UM DEFEITO DE COR 2008 DE ANA MARIA GONÇALVES

O conceito de território para Haesbaert (2004. p.1), desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto de *terreo-terror* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam aliados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”.

A obra um defeito de cor de Ana Maria Gonçalves 2008, traz esse território como vemos por meio de disputas de lutas e de poder pelos colonizadores portugueses frente aos povos originários indígenas que viviam aqui, nesta mesma condição temos a figura dos povos africanos escravizados e dominados pelo homem branco passando a deixar seu território de pertencimento e vindo a viver em outro mundo desconhecido submetido a tradições e culturas do colonizador. “Quando os brancos chegaram em terra, as pessoas que estavam por perto se ajoelharam e começaram a bater com a testa no chão, dando a entender que eles eram muito importantes” (Gonçalves, 2008, p. 37).

Ainda podemos entender o território como um lugar sagrado para os povos indígenas e mesmo para os povos africanos estes lugares são suas histórias e ali está sua alma, todos os simbolismo e tradição dos povos pertencem à terra, e com a chegada dos colonizadores, os povos colonizados perdem a sua identidade.

Segundo Haesbaert (2004, p.1), território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido



mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. Esta apropriação do poder do território pelo colonizador fez os povos africanos escravizados no Brasil perdessem suas identidades sendo obrigados a absorver a cultura do colonizador, ocorrendo seu apagamento na história.

O romance nos mostra em uma de suas passagens o apagamento da história dos povos africanos ao chegar ao Brasil perdendo sua identidade, com o batismo do Deus do homem branco: “Foi então que ficamos sabendo o motivo da demora no embarque dos homens, pois os brancos tinham batizados todos eles com nome que chamavam cristãos” (Gonçalves, 2008, p. 49).

Após o batismo os povos colonizados perderam suas raízes e começa a viver tudo aquilo que o colonizador quisesse fazer com eles, segundo Lefebvre apud Haesbaret 2004.

Distingue apropriação de dominação (possessão, propriedade), o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do “vivido”, do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca. Para Lefebvre,

O uso reaparece em acentuado conflito com a troca no espaço, pois ele implica “apropriação” e não “propriedade”. Ora, a própria apropriação implica tempo e tempos, um ritmo ou ritmos, símbolos e uma prática. Tanto mais o espaço é funcionalizado, tanto mais ele é dominado pelos “agentes” que o manipulam tornando-o unifuncional, menos ele se presta à apropriação. Por quê? Porque ele se coloca fora do tempo vivido, aquele dos usuários, tempo diverso e complexo. (Lefebvre, 1986:411-412, grifo do autor apud Haesbaret 2004, p.1-2).

Podemos então afirmar que o território, imerso as relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espço, “desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘culturalsimbólica’(Haesbaert, 2004.p.2). Esta apropriação do homem branco sobre os povos colonizados fizeram uma transformação na cultura do Brasil que após a abolição da escravidão em 1888 com assinatura da Lei Áurea e revoltas dos povos negros tornou o território como poder absoluto do Estado para poder manter a ordem no país.

O Estado detentor do poder em seu movimento histórico de formação do território na geografia política, compreendido por (Ratzel apud Haesbaert 2004, p.3). não existe poder sem território, o Estado precisa ter um espaço para ocupar e determinar seu poder sobre os outros estados.

E sobre a nação cujo movimento foi de lutas e guerra por disputas de territórios entende-se que;



Enquanto “continuum” dentro de um processo de dominação e/ou apropriação, o território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações – que são também e, sobretudo, multiplicidade de poderes, neles incorporados através dos múltiplos agentes/ sujeitos envolvidos. Assim, devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc. As razões do controle social pelo espaço variam conforme a sociedade ou cultura, o grupo e, muitas vezes, com o próprio indivíduo. Controla-se uma “área geográfica”, ou seja, o “território”, visando “atingir/afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos” (Sack, 1986:6 apud Haesbaert 2004, p.3).

Segundo Raffestin (1993, p.6), o processo de território no espaço geográfico, dar-se “uma verdadeira geografia só pode ser uma geografia do poder ou dos poderes”. Precisamos compreender o processo de formação do território para entender o território e a territorialidade das benzedeadas, o espaço de vivências delas faz parte da formação do território dos estados brasileiro, compreende – se todo o processo histórico do Brasil desde a colonização com a escravização até a sua abolição e com a criação da república passa a ser pensado o Estado como um espaço único e absoluto do poder ocorrendo ainda pela força, já não mais pela colonização e escravização do homem negro pela força do homem branco, mas pela força do Estado o qual caracterizou uma mudança no tempo e espaço do país, com conflitos e lutas por pertencimento das classes menores junto ao Estado maior. Podemos ver que nessas lutas estão as classes das benzedeadas que buscam após a abolição reconhecer seu espaço e seu território de pertencimento.

2.2 TERRITORIALIDADE (CULTURA E RELIGIÃO)

No contexto da territorialidade entende-se o papel do território como o poder e a cultura do homem. A territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar”. (Sack apud Haesbaert 2004, p.3).

Haesbaert (2006) apud Fuini (2014, p.5) destaca que o *território* pode ser definido em termos *políticos*, ou político-jurídicos e históricos, referentes à ação do Estado; em termos *econômicos*, associado à apropriação econômica dos espaços, derivada da divisão territorial do trabalho e da luta de classes; e em termos *culturais*, identificado com relações simbólicas – individuais ou coletivas – com o espaço.



As representações dos espaços das benzedadeiras são a cultura do simbólico da fé que mantém viva até hoje, durante muito tempo o poder do Estado, fez com que as classes dominadas buscassem recurso para enfrentar as dificuldades vividas pelos povos minoritários colonizados, isto ocasionou lutas de grandes grupos para buscar seu lugar, desta maneira hoje temos uma forte influência a partir das conquistas dos territórios pela sobrevivência das classes minoritárias pela cultura histórica dos povos que mantem seu território como algo cultural para poder fazer deste território uma fonte de superação.

Para Bonnnemaison (2002) *apud* Fuini (2014, p.5). Caracteriza o território em sua perspectiva humana (além de seus significados biológicos, econômicos, sociais e políticos) como o lugar da mediação entre os homens e sua cultura, nascendo dos pontos e marcas que os homens deixam no solo (geossímbolos, lugar, itinerário, uma extensão, por motivos religiosos, políticos e culturais, que exerce uma dimensão simbólica e de identidade), definindo um meio de vida e o enraizamento de um grupo social.

A partir de Haesbaert (1999) *apud* Fuini (2014, p.5). Temos a exploração do conceito de identidade socioterritorial como sendo um tipo de identidade social (identificação ou reconhecimento das pessoas em relação aos objetos, coisas ou outras pessoas, tendo um forte conteúdo simbólico e histórico) que parte ou transpassa o território, referindo-se, mais especificamente, àquelas que se situam frente a, ou em, um espaço simbólico, social e historicamente produzido, podendo se referir desde ao recorte de paisagem e espaço cotidiano vivido até ao recorte mais amplo de Estado-nação. De forma mais específica, refere-se a um tipo de identidade que envolve uma dimensão histórica de imaginário social, associada ao espaço de referência de memória de um grupo, como alguns monumentos ou lugares históricos.

A territorialidade como forma cultural dos territórios nos faz aprender sobre os costumes, tradições e a histórias das benzedadeiras como citado antes, nosso país é formado por várias etnias e não podemos deixar de reverenciar todas as etnias que fazem parte da história do Brasil, portanto temos as benzedadeiras como forte influencia de origem africana, indígenas e europeias, pois seus antepassados com muita força mantiveram vivas suas tradições mesmo sendo obrigados a viver a cultura do outro no caso o colonizador português, mantiveram em suas memórias sua língua e costumes e seus aprendizados e ao fim da escravidão e das guerras puderam viver novamente suas vidas já não mais em seu lugar de origem, mas conquistando seus territórios de pertencimento e por meio da cultura que vemos como mantém as tradições seja pela fé, pelos



costumes mantendo viva a memória de seus descendentes, assim como nas em qualquer etnia seja dos povos imigrantes, dos povos originários, ou escravizados há uma igualdade no modo de pertencimento pela cultura e tradições.

Uma forma que mantém suas culturas são por meio da língua conforme Raffestin (1980, p.26). A língua é, sem nenhuma dúvida, um dos mais poderosos meios de identidade de que dispõe uma população. Por essa razão ela ocupa um lugar tão fundamental na cultura e é por si mesmo, um recurso que pode dar origem a múltiplos conflitos. Contudo, é conveniente recolocá-la no contexto das relações de poder para melhor compreender sua significação.

A língua é poder entre as comunidades das benzedadeiras, pois ali este seu verdadeiro significado o qual manifesta suas tradições, sua força dentro do seu território as benzedadeiras, precisamos olhar sempre para sua história para entender como mantiveram suas línguas ocultas para poder revivê-las após conquistarem suas liberdades.

A esse respeito, a língua é exemplar porque fornece um modelo de análise para todas as outras propriedades qualitativas da população. A resistência por meio da língua se nos coloca mesmos termos da religião, da etnia ou da raça. Toda tentativa de eliminação das diferenças está repleta de um poder opressor que procura realizar, no espaço e no tempo, um campo de ação para se manifestar. (Raffestin 1980, p.42).

As benzedadeiras fizeram de tudo o que foi possível para manter vivas suas tradições assim como no campo religioso o qual (Raffestin, 1980, p.43), nos mostra o poder sobre o sagrado. Do mesmo modo que a língua, a religião é um sistema sê-mico cuja função é assegurar uma mediação. No momento não insistiremos na natureza e no conteúdo dessa mediação a não ser para dizer que os fatos religiosos não escapam da problemática relacional nem, muito menos, do poder, por consequência.

"toda concepção religiosa do mundo implica a distinção do sagrado e do profano, é oposta ao mundo no qual o fiel se dedica livremente às suas ocupações, exerce uma atividade sem consequências para a sua salvação, um domínio no qual o temor e a esperança o paralisam alternadamente, onde, como à beira de um abismo, o menor gesto um pouco exagerado pode, irremediavelmente, fazê-lo cair".
(Raffestin 1980, p.43).

Raffestin (1980, p.43) há, pois, no interior do sagrado, relações específicas, como as que existem no interior do profano. Há relações próprias no interior de cada um desses mundos e também relações recíprocas, mediatizadas pelos fatos políticos, sociais, culturais e económicos:



Bergson *apud* Raffestin (1980, p.43); não disse que o Universo era uma máquina de fazer deuses? Mas que relação há entre a religião e o sagrado? A primeira é a administração do segundo. A vida religiosa "se apresenta como a soma das relações entre o homem e o sagrado. As crenças os expõem e os garantem. Os ritos são os meios que os asseguram na prática".

As benzedeadas usam o sagrado para poder manter vivas suas histórias e memórias nesse contexto de disputas e depois de pertencimento temos as benzedeadas como forte influência na história do país, pois elas eram a cura durante muito tempo onde não existiam médicos, eram também as que propagavam a fé no meio do povo e hoje não são mais reconhecidas neste campo de estudos por isso precisamos olhar para elas e revive-las em nosso meio, ele fizeram e fazem parte da nossa história, quem nunca ouviu falar ou conheceu alguma benzedeadas, elas estão entre nós precisamos manter vivas suas memórias para fazer valer todos os esforços dos seus antepassados para conquistar seu lugar no mundo.

Assim um dos meios que influenciam essas mulheres é sua fé que mantém acesa a chama do amor entre elas e o território, o seu poder está na sua crença religiosa, segundo (Raffestin 1980, p.43).

A religião, como a língua, pode também ser concebida como um instrumento cujas funções são múltiplas e complexas. Instrumento de comunicação, mas também, e até mesmo na essência, um instrumento de comunhão, manipulado pelas organizações. Enfim, um instrumento de comunicação do sagrado que pode ser definido como uma propriedade estável ou efêmera que pertence a certas coisas (os instrumentos do culto), a certos seres (o rei, o padre), a certos espaços (o templo, a igreja, o altar), há certos tempos (o domingo, o dia de Páscoa, de Natal etc.).

Portanto para as benzedeadas a religião e o sagrado a sua essência, seu trabalho de ajudar o próximo, cada vez que elas são procuradas algo novo é feito porque buscam sempre estar ativas no meio da sociedade fazendo trabalhos voluntários, participando da vida em comunidade e realizando momentos de curas e rezas para ajudar aqueles que precisam de qualquer forma elas estão inseridas no meio da sociedade, a maioria vive um conjunto de alianças entre o Estado e a comunidade para poder ajudando a melhorar a vida das pessoas.

A religião, ainda da mesma maneira que a língua pode constituir o ponto de apoio da alavanca da resistência e da oposição. Fonte de um poder com um forte componente informacional, a religião pode permitir a junção de energias consideráveis e a formação de uma rede de resistências muito cerrada. Nos países que tiveram de se submeter à presença colonialista e que quase sempre não possuíam uma história escrita, mas, sobretudo tradições orais, o sagrado profundamente arraigado nas consciências era, em



geral, a única base informacional sobre a qual era possível construir uma oposição coerente (Raffestin 1980, p.48).

Portanto a religião como a língua faz parte da cultura dos povos colonizados e os demais, para manter a fé viva e a cultura estabelecida sempre se apoiando ao Estado como interventor das políticas públicas do desenvolvimento dos territórios no campo de fazer com que a sociedade cresça e evolua para isto em várias localidades as benzedadeiras são influências para os territórios da comunidade o qual encontram nelas o apoio necessário para desenvolver todo o território o qual fazem parte, assim o papel das benzedadeiras é levar para dentro do seu território lugar de pertencimento e tradição para as futuras gerações.

2.3 PARA NÃO FINALIZAR

O papel das benzedadeiras dentro do território faz acontecer com a sua territorialidade seu lugar de pertença e com a união e reconhecimento delas junto ao Estado são importantes, pois mantêm suas comunidades ativas principalmente em lugares distantes fazendo a obrigação de levar a cultura e a religião e o papel do estado para o desenvolvimento de cada comunidade, assim com a união delas junto ao Estado cria-se condições de melhoria e condições dignas para suas comunidades com o papel das políticas públicas busca trazer a cada território seu espaço de melhoria na vida das pessoas, como saúde, educação, alimentação e trabalho.

Assim o papel do Estado com o território hoje é fazer com que as políticas públicas deem certos e se- incube as líderes para representá-lo junto à comunidade.

Para (Bueno 2019, p.8):

É a partir desses esclarecimentos que se pensa que o conceito de território pode vir a ser uma ferramenta útil para as políticas públicas, pois uma vez levado em consideração pode-se ter a análise da fração espacial em que a política será implementada, desde o seu substrato físico até os atores sociais que nele (re) constroem diariamente seus territórios, exercendo relações de poder, gestão e identidade. É nessa perspectiva que a Geografia, ciência que tem como objeto de estudo o espaço geográfico, com um de seus conceitos-chaves, no caso território, pode vir a contribuir significativamente nos estudos das políticas públicas.

E por fim o papel do território das benzedadeiras compreende o fator histórico do Brasil e a relação Estado território formando políticas necessárias para o bem comum e o reconhecimento da cultura material e imaterial das benzedadeiras. Portanto para (Bueno 2019, p.10), o conceito de



território precisa ser apreendido e explicado tendo em mente três elementos indissociáveis do mesmo, quais sejam: identidade, poder e gestão. Cabe salientar que na (re) construção dos territórios há uma infinidade de fatores que o permeiam, sejam materiais ou imateriais, os quais devem ser analisados a partir das conexões entre o local, regional, nacional e global, o que dá uma materialidade espacial representada pela forma, mas que é a partir do conteúdo do território que pode ser lida uma determinada feição espacial.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, com base em revisão bibliográfica e análise interpretativa. O estudo tem como objetivo compreender a territorialidade das benzedadeiras enquanto manifestação cultural e religiosa enraizada na história e na geografia simbólica do Brasil, traçando paralelos com a narrativa literária da obra *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves (2008).

A análise foi construída a partir da articulação entre conceitos fundamentais da Geografia Cultural, como território, territorialidade e identidade, conforme discutidos por autores como Haesbaert (2004; 2023), Raffestin (1993) e Fuini (2014). Utilizou-se ainda a obra literária como instrumento de mediação simbólica, capaz de revelar os sentidos de pertencimento, resistência e ancestralidade presentes nas práticas das benzedadeiras.

O corpus teórico foi composto por livros, artigos acadêmicos e documentos legais, como a Lei nº 1.401/2010, que reconhece a prática das benzedadeiras como patrimônio imaterial no estado do Paraná. A literatura foi analisada por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme orientações de Bardin (2011), permitindo identificar categorias temáticas como território de resistência, identidade socioterritorial e o sagrado como forma de mediação cultural.

Essa abordagem metodológica possibilitou compreender as práticas das benzedadeiras não apenas como um fenômeno religioso, mas como expressão de resistência cultural e de luta por reconhecimento social e político. A escolha por uma metodologia qualitativa justifica-se pela complexidade simbólica do objeto de estudo, que exige uma leitura sensível e interpretativa das relações entre espaço, memória, fé e poder.



4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise realizada a partir do cruzamento entre a literatura geográfica e a narrativa literária permitiu evidenciar que a prática das benzedeadas configura-se como expressão concreta de uma territorialidade simbólica e resistente, construída historicamente por mulheres vinculadas às tradições afro-brasileiras, indígenas e populares. Esse território não se define apenas por seus limites físicos, mas se estabelece na relação afetiva, religiosa e cultural com o espaço vivido, como defende Haesbaert (2023), ao conceber o território como espaço politicamente construído e dotado de significados múltiplos.

A territorialidade das benzedeadas revela-se como forma de resistência sociocultural frente aos processos históricos de dominação colonial, apagamento identitário e marginalização religiosa. A analogia com *Um Defeito de Cor* (GONÇALVES, 2008) evidencia o modo como as personagens da obra, ao serem deslocadas de seus territórios de origem, ressignificam o espaço por meio da memória, da ancestralidade e da espiritualidade — elementos também presentes nas práticas das benzedeadas.

A obra de Gonçalves contribui para compreender que o território das benzedeadas é um espaço de memória, de afeto e de disputa simbólica, onde o sagrado é operado como instrumento de identidade e poder. Tal perspectiva está alinhada à concepção de Raffestin (1993), para quem a religião e a linguagem são mecanismos simbólicos de resistência frente à opressão territorial. Nesse sentido, as rezas, os gestos, os ritos e o uso das ervas medicinais não são apenas recursos terapêuticos, mas formas de reinscrever o pertencimento e a dignidade em contextos historicamente marginalizados.

Do ponto de vista político, a conquista do reconhecimento jurídico e institucional da prática das benzedeadas, como se observa na Lei nº 1.401/2010, representa a consolidação de um território legitimado pelo Estado, o que antes era apenas simbolicamente reconhecido pelas comunidades. Essa formalização, todavia, é fruto de décadas de resistência e mobilização comunitária, reafirmando a perspectiva de que o território é também campo de disputas, como destaca Sack (1986 apud HAESBAERT, 2004), ao tratar do controle social do espaço.

Por outro lado, a territorialidade das benzedeadas também se manifesta na dimensão cultural e afetiva, configurando identidades socioterritoriais que se projetam nas práticas cotidianas, no modo de falar, na forma de se relacionar com a natureza e na fé que sustenta os



saberes ancestrais. Como assinala Bonnemaïson (2002 apud FUINI, 2014), o território é o lugar da mediação entre o homem e sua cultura, carregado de geossímbolos que garantem o enraizamento dos grupos sociais.

A leitura da obra literária associada à análise geográfica revelou que o território das benzedeiras se consolida como um espaço-tempo de resistência: marcado pelo sofrimento histórico, mas também pela resiliência e pela força coletiva. A territorialidade não se restringe, portanto, ao espaço físico, mas se estende à memória coletiva, à oralidade e à permanência de práticas simbólicas que resistem ao apagamento cultural.

Dessa forma, os resultados indicam que as benzedeiras representam mais que uma prática religiosa ou curativa: elas simbolizam a luta de um povo por reconhecimento, por território, por história e por dignidade. A prática da benzeção transforma-se, assim, em estratégia de permanência e reinvenção da identidade territorial, cultural e espiritual.

5 CONCLUSÃO

A análise da territorialidade das benzedeiras, à luz da obra *Um Defeito de Cor*, permitiu compreender como essas práticas tradicionais transcendem o campo religioso e adentram as dimensões histórica, geográfica, cultural e política da sociedade brasileira. As benzedeiras representam não apenas um legado de cura e fé, mas constituem um elo vivo entre a memória ancestral e os processos de resistência frente às violências coloniais, à exclusão social e ao apagamento identitário.

O território, neste contexto, revelou-se como espaço simbólico e político, construído por relações de pertencimento, espiritualidade e enfrentamento das desigualdades. A prática da benzeção não é um ato isolado ou meramente terapêutico: é uma manifestação territorial que reativa vínculos comunitários, resgata saberes populares e reivindica o reconhecimento de um espaço onde a cultura e a fé se entrelaçam. Conforme Haesbaert (2023) e Raffestin (1993), o território é uma expressão do poder simbólico e material, sendo constantemente disputado, apropriado e resignificado.

A obra literária de Ana Maria Gonçalves, ao retratar os processos de dominação colonial e a resistência dos povos africanos e afrodescendentes, funciona como espelho para refletir a trajetória das benzedeiras no Brasil. Ambas as narrativas — a histórica e a ficcional — revelam



a luta por espaço, identidade e dignidade frente a um Estado que, por muito tempo, silenciou essas vozes.

Com base nos achados da pesquisa, conclui-se que a valorização das benzedeiras como patrimônio imaterial não deve se limitar à legalidade institucional, mas precisa ser acompanhada de políticas públicas de proteção, de reconhecimento dos saberes tradicionais e de incentivo à preservação das culturas populares. O território das benzedeiras é, portanto, um território de memória, fé, resistência e reconstrução identitária, essencial para a compreensão da diversidade e da riqueza sociocultural brasileira.



REFERÊNCIAS

BUENO, Paulo. Henrique. de Carvalho.; ANDRADE, C. S. P. de. **Território E Políticas Públicas Em Uma Abordagem Geográfica**. Caminhos de Geografia, Uberlândia, v. 20, n. 71, p. 404–419, 2019. DOI: 10.14393/RCG207145896. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/45896>. Acesso em: 5 set. 2024.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

FUINI, Lucas. Labigalini. **Território, Territorialização E Territorialidade: O Uso Da Música Para A Compreensão De Conceitos Geográficos**. Terr@ Plural, [S.l.], v.8, n.1, p.225–249, 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/6155>. Acesso em: 5 set. 2024.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

HAESBAERT, Rogério. **Conceitos fundamentais da geografia**. Território, Niterói, vol: 15, n. 55, página 6, dez, 2023.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, v.16. p. 1-20, Setembro, 2004.

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia Do Poder**. Ática, 1993. 269 p. ISBN: 85 08 04290 6. Disponível em <https://biblioteca.unespar.edu.br/acervo/149917>. Acesso em: 5 set. 2024.